

25-04-2025

## ...o pior de tudo...

**Josué Euclides Hetinguer**

(Empreendedor – Economista Doméstico)

...o pior de tudo... Padre Rui deu uma parada em seu relato. Ficou em silêncio algum tempo olhando o mar de terra vazia, enquanto dirigia bem lentamente pela estradinha que levava aos sem-terra. Acho que eu ia adivinhando seus pensamentos.... até que voltou a falar... *o pior de tudo é a violência... famílias pobres, de pés descalços, trazendo pelas mãos suas crianças lindas querendo seu chãozinho e vivendo sob a ameaça de jagunços, pistoleiros, assassinos, a mando de coronéis e do povo novo do agro expandindo fronteiras.* Padre Rui citou ainda um jovem líder da luta pela terra no estado de Alagoas, que ele havia conhecido - Jaelson Melquíades - e que tinha sido assassinado em 2005 (quatro anos antes), num dos conflitos agrários do estado. .... No assentamento, circulei com o Padre Rui e observei a forma carinhosa com que ele se dirigia àquele povo simples, carente de estruturas públicas que poderiam conferir cidadania e dignidade, mas que, na ausência do Estado, reafirmam sua cidadania e dignidade por conta própria no trabalho incessante pela sobrevivência. Após umas duas horas de prosa e caminhada pelo sítio e um breve café fomos devolvidos à estradinha da volta. .... Minha estadia em Porto de Pedras ia chegando ao fim e o rumo de Pernambuco me esperava. Mais precisamente Itamaracá. Como vocês já sabem eu excluí as capitais e os centros urbanos muito espetados de palitos de concreto dessa minha viagem. Tudo muito inexplicável já que eu tinha feito meu pé-de-meia pra viajar justamente como vendedor de pedaços desses palitos. Talvez pela influência de Maria Laura, talvez pelo horror genético-congênito de Camboriú, talvez fugir de mim pra me reencontrar em outra circunstância... E foi tanta circunstância que eu já me achava em processo de reencontro. Lembro que quando eu estava na faculdade de literatura numa das aulas ouvi falar de uma ciranda de Pernambuco na Ilha de Itamaracá. Quem já levou um peteleco bem dado na orelha nunca esquecerá, mesmo que só tenha sido um.

Pois aquele peteleco de Itamaracá ficou marcado na orelha da memória, mesmo que isso tivesse sido uns nove ou dez anos antes. Posso assegurar que Pernambuco era o único estado onde eu já tinha paradeiro determinado. De Porto de Pedras até Itamaracá são 260 km. Moleza pra quem tinha certeza do que queria e pra quem tinha visto pela primeira vez um assentamento de sem-terra. Senti uma espécie de certeza que tinha visto a injustiça de muito perto e a certeza de que sabia onde eu queria chegar. 260 km depois disso é muita moleza. Tudo isso que estou falando pra vocês eu fiquei

falando pro meu Celtinha durante a viagem. E ele entendeu. .... Meu pensamento de pré-pesquisador embaralhava sentimentos trazidos pelos sítios simbólicos do Zaoual que, hoje, posso apresentar aqui mais claramente. *Todo conhecimento do outro pressupõe doravante seu reconhecimento e uma introspecção. Cada um carrega seu sítio em sua mente, mesmo de modo inconsciente. O relato do especialista não é necessariamente o mesmo que o da população sobre a qual ele projeta seu olhar, mas ele acredita que seu projeto é o dos atores do sítio.* Naquela viagem, intuitivamente, fui incorporando a crítica de Zaoual a essa crença do especialista que pesquisa. Eu começava a entender que o meu projeto não era retratar o projeto daquelas pessoas magníficas, mas era a principal fonte de conhecimento pra que eu construísse o meu próprio projeto. Zaoual continua sua análise. *Assim, muitos projetos se tornam “projéteis”, atirados nos sítios acerca dos quais não se dispõe de visões de dentro, por causa de ter sempre suposto que os atores locais são “idiotas” e que precisam aprender a agir segundo uma racionalidade decretada superior e científica.*<sup>1</sup> .....

Era uma 4ª feira, e quando digo que tenho tido sorte na viagem várias são as razões pra justificá-la. Naquele ano (2009) foi produzido o disco Ciranda de Ritmos, com o protagonismo de Lia de Itamaracá, cantando várias cirandas. Dona Maria Dinda (Maria Duarte) foi quem me contou. Dona da pensão onde me hospedei próximo da Praia de Jaguaribe, Maria Dinda conhecia muito da história de Lia, que morava bem próximo. Não eram propriamente amigas, mais pela falta de tempo, pois Lia, bem mais jovem, já era abençoada pela fama e, por isso, já com muita gente arrodando, enquanto Maria Dinda tocava seu pequeno negócio. Claro que a fama de Lia e da Ilha impulsionaram seu pequeno negócio de hospedagem e alimentação. Maria Dinda era muito grata a isso, mas me confessou que aumentou sua cansaça trabalhadeira. Às vezes se sentia estropiada. Conversamos muito. Ela era uma senhora muito conversadeira e orgulhosa de sua Itamaracá. Já estava bem doentinha quando me acolheu naqueles dois dias. Ela dizia que já tinha deixado o oitenta pra trás e que estava pra ir de vez morar com a filha mais nova em Igarassu, ali pertinho.... Quando sentei na cozinha da pensão pra tomar um cafezinho da manhã, inesperadamente, ela sentou ao meu lado, na mesma mesinha e foi falando sobre o que eu era, o que eu pensava, o que eu seria, o que eu tinha sido. Entremexendo a toalha da mesa com um ou outro talher e algum de meus dedos ela biografou o que estava pra vir ... o melhor de tudo ...

■ ■ ■

Hassan Zaoual. Nova economia das iniciativas locais: uma introdução ao pensamento pós-global – Rio de Janeiro: DP&A Editora. Consulado Geral da França: COPPE/UFRJ. 2006.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.